



“Pedras ao Infinito”: a trajetória do poeta José Raulino Sampaio contada em livro-reportagem¹

Tito Eugênio Santos SOUZA²

Klébia de Souza Muricy PEIXINHO³

Macelle Khouri SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho relata o percurso de elaboração do livro-reportagem “Pedras ao Infinito”, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Trata-se de um produto experimental em formato impresso, na modalidade de livro-reportagem perfil, que relata aspectos da trajetória de José Raulino Sampaio. Nascido em Barreiras (BA) em 1897, Raulino chegou a Petrolina (PE) ainda na segunda década do século XX, onde viveu até a sua morte. Homem de múltiplos ofícios, foi como poeta e jornalista que ele mais se destacou. Em “Pedras ao Infinito”, os autores trazem recortes da vida desse personagem, que contribuiu de maneira significativa para o cenário cultural e literário de Petrolina. Pretende-se, assim, realizar um trabalho de resgate da memória e fazer dela um registro escrito, estimulando novas pesquisas afins.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; livro-reportagem; perfil; José Raulino Sampaio.

INTRODUÇÃO

Nascido em Barreiras (BA) no ano de 1897, José Raulino Sampaio chegou a Petrolina (PE) em 1923, onde se fixou e viveu até os últimos dias de vida. Na cidade pernambucana, Raulino exerceu atividades tão diversas quanto o ofício de tabelião, jornalista e poeta. Juntamente com José Olivá Apolinário, foi um dos fundadores do *Clube Drummoniano de Poesia de Petrolina*, mantendo correspondência com o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade por aproximadamente uma década.

A ideia de escrever um livro-perfil sobre José Raulino Sampaio surgiu a partir da nossa aproximação com a história do *Clube Drummoniano de Poesia de Petrolina*, fundado em 9 de outubro de 1977. Idealizado como forma de homenagear Drummond

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, e-mail: tito_souza@live.com

³ Coautora do trabalho e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, e-mail: kelpeixe@ig.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e ex-professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: macellekhouri@gmail.com



pela sua vasta obra, o Clube reuniu poetas, escritores e intelectuais que desejavam discutir e produzir literatura, inspirados nos ideais do modernismo. Na época, Raulino ofereceu sua residência para sediar as atividades do grupo, tornando-se um dos principais representantes do movimento literário.

Desde o início, a *persona* de José Raulino Sampaio atraiu a nossa atenção. Como tabelião, ele acompanhou de perto o crescimento da cidade sendo uma testemunha ativa. Como jornalista, escreveu sobre grandes acontecimentos e também fatos do cotidiano. Como poeta, transferiu seu pensamento para o papel transformando-o em versos. Diante disso, percebemos a importância do seu legado para a memória cultural de Petrolina e decidimos resgatar a sua história.

Em *Pedras ao Infinito*, procuramos retomar alguns momentos da trajetória desse personagem e apresentá-lo em seus contornos singulares. A escolha pelo formato perfil mostrou-se a mais adequada aos nossos objetivos, uma vez que permite evidenciar o lado humano da personalidade retratada. Segundo Vilas Boas (2003, p. 13), a focalização em alguns aspectos da vida de uma pessoa é a principal característica dos perfis jornalísticos, ao passo que nas biografias “os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado”.

Através do livro-reportagem perfil *Pedras ao Infinito*, pretendemos reconstituir a trajetória do poeta e jornalista José Raulino Sampaio, destacando as suas principais contribuições para o campo literário e cultural da cidade de Petrolina.

JORNALISMO E LITERATURA: DIÁLOGO POSSÍVEL

O livro-reportagem pode ser considerado um gênero híbrido, pois a um só tempo reúne características que o aproximam do jornalismo e da literatura. Assim como os acontecimentos do mundo real orientam a produção da notícia, o livro-reportagem também exige para si uma veracidade e uma verossimilhança que o jornalismo não abre mão. Por outro lado, guarda semelhanças estilísticas com a literatura, seja pela estrutura narrativa utilizada ou pela maior liberdade de escrita.

De acordo com Lima (2004), o livro-reportagem caracteriza-se como um veículo de comunicação impressa não periódica, permitindo uma maior amplitude de tratamento acerca de determinado tema, se comparado ao jornal, à revista ou às mídias eletrônicas. Esse grau de amplitude manifesta-se tanto no aspecto extensivo, de ampliação do relato, quanto no aspecto intensivo, de detalhamento, e também pela combinação desses dois



fatores.

Pedras ao Infinito é resultado de uma aproximação entre jornalismo e literatura, como é possível perceber ao longo de suas páginas. Utilizando as possibilidades narrativas e expressivas do livro-reportagem, pretendemos demonstrar que o diálogo entre esses dois campos é tão possível quanto desejável. E mais: o jornalista pode e deve ultrapassar as barreiras impostas pelas rotinas de produção da notícia e romper com modelos pré-estabelecidos. Como defende Cremilda Medina (2004, p. 61), “não há fórmulas, rotinas que sirvam para aplacar a inquietude de quem procura a expressão”.

Felipe Pena (2006) afirma que o jornalismo literário permite potencializar os recursos do jornalismo, proporcionando visões amplas da realidade e possibilitando profundidade aos relatos. Para o autor, uma das características do jornalismo literário é a perenidade: diferentemente das reportagens do cotidiano, que caem no esquecimento das pessoas no dia seguinte, um livro-reportagem é uma obra que permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual.

Foi, portanto, a partir desse manifesto desejo de expressão que iniciamos a nossa jornada. O tema escolhido não apenas é relevante para o nosso curso de Comunicação Social – Jornalismo em Mídias, como também representa um esforço de elaboração no sentido de contribuir para a difusão da cultura e da memória locais. Acreditamos que o nosso papel, enquanto comunicadores, será efetivamente exercido através deste trabalho, que se constituirá num legado à cidade de Petrolina, ao seu povo e a todos os amantes da literatura.

Desse modo, José Raulino Sampaio deixará de ser apenas uma lembrança guardada na memória dos familiares e amigos para se tornar conhecido por todos aqueles que tiverem acesso ao livro. Os aspectos da trajetória de Raulino pontuados na obra serão também as nossas pedras lançadas ao infinito.

EM BUSCA DAS PEDRAS: OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A REALIZAÇÃO DO LIVRO *PEDRAS AO INFINITO*

Para reconstruir a(s) história(s) de José Raulino Sampaio, falecido em 13 de janeiro de 1989, era necessário que fôssemos ao encontro do que Michael Pollak (1989) define como “memória subterrânea”, que corresponde às vozes não difundidas pela memória oficial. Afinal, contar a trajetória de uma pessoa envolve muitos pormenores que somente a memória oficial não seria capaz de nos oferecer.



Assim, procuramos coletar o máximo de informações sobre ele disponíveis nos acervos públicos e privados locais, realizando a princípio uma pesquisa nas principais bibliotecas (Municipal de Petrolina e do Serviço Social do Comércio – Sesc), instituições de ensino e pesquisa (Colégio Dom Bosco, Universidade de Pernambuco – UPE, Universidade do Estado da Bahia – Uneb e Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina – Facape) e no Museu do Sertão, além de consultas a arquivos de particulares.

Durante esse percurso, pudemos constatar não apenas a escassez de documentos e registros históricos mantidos pela memória oficial, como também notamos certa indiferença do poder público local no sentido de garantir a sua preservação. Restava-nos, portanto, a tarefa de resgatar as memórias subterrâneas que por tanto tempo estiveram silenciadas, trazendo à superfície as lembranças que o esquecimento não conseguiu apagar. Afinal, como reflete Ecléa Bosi (2003, p. 18), “cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”.

Desse modo, prosseguimos em busca das reminiscências guardadas pelas pessoas que conviveram com o poeta, conversando principalmente com familiares e amigos. Embora um roteiro prévio tivesse sido elaborado, a nossa maior preocupação durante as entrevistas era garantir a fluência do diálogo, como sugere Cremilda Medina (2004). Segundo a autora, esse diálogo pode ser alcançado se o entrevistador estabelecer uma relação de confiança e empatia com o entrevistado.

O desafiador dessa aventura é a inquietude, mantida viva, de ir-ao-encontro-do-outro, não tomando o outro como ISTO, objeto em que imprimirei, a ferro e fogo, o meu EU. Como diz Martin Buber, o TU está pleno de mistérios a serem sondados. À medida que EU busco a TI, me projeto por inteiro, me perco e me acho, me revelo no ENTRE o EU e o TU. O processo é de aprendizado [...]: eu, entrevistador, lanço esses desafios para que o outro se revele no plano mais imediato [...] mais matizado, pelo estímulo à abertura, por claros-escuros de sua subjetividade, que não estariam na pauta, mas a enriquecem (MEDINA, 2004, p. 44).

Nesse sentido, muito mais que um jogo pré-definido de perguntas e respostas, a entrevista é um autêntico encontro de subjetividades. De acordo com Nilson Lage (2005), ela pode acontecer sob as mais diversas circunstâncias, sendo a entrevista dialogal o método por excelência. Neste caso, “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos



abordados” (LAGE, 2005, p. 77).

Em sintonia com essa perspectiva proposta por Medina (2004) e retomada por Lage (2005), procuramos reunir o máximo de condições favoráveis para a ocorrência do diálogo com as fontes. Para isso, agendamos as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos participantes e sempre nos locais sugeridos por eles. Ao todo, foram entrevistadas 23 pessoas, entre familiares e amigos de José Raulino Sampaio. Durante os encontros, tivemos o cuidado de registrar as falas por meio de gravadores digitais e fazer anotações dos tópicos mais relevantes, de maneira a facilitar o processo de transcrição.

JUNTANDO AS PEDRAS DO CAMINHO

Logo após a realização das primeiras leituras e entrevistas, procuramos traçar um roteiro que nortearia o processo de escrita do livro-reportagem perfil. Inicialmente, idealizamos um livro composto por sete capítulos, de maneira que cada um deles abordasse um aspecto singular do personagem retratado. Longe de apresentar uma sequência linear de fatos ou mesmo descrever a totalidade dos acontecimentos, nosso objetivo era captar as diversas facetas de José Raulino Sampaio através das nossas próprias impressões.

Desde o princípio, a nossa intenção não era produzir um relato biográfico exaustivo e ancorado em esquemas cronológicos rígidos, com começo, meio e fim definidos. Ao contrário, procuramos nos afastar ao máximo daquilo que Pierre Bourdieu (2006, p. 185) chama de “ilusão biográfica”, na qual a história de uma vida é tratada como “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção”. Segundo ele, o que as biografias tradicionais oferecem é nada mais que uma reconstrução do real, sendo o biógrafo o responsável por essa ilusão referencial. Este, ao reconstituir a vida de uma pessoa como uma história linear, esforça-se por conduzir o leitor ao longo de um percurso estável e com sentido definido, como se a existência narrada fosse um todo coerente formado a partir de relações de causa e efeito.

Em contraponto a esse modelo descrito por Bourdieu (2006), Felipe Pena (2004) propõe a *Teoria da Biografia Sem Fim (Fractais Biográficos)*, defendendo a ideia de que uma biografia pode ser organizada em capítulos (fractais) que reflitam as múltiplas identidades do personagem, a exemplo do que procuramos fazer no livro *Pedras ao Infinito*. Deste modo, cada capítulo traz pequenas histórias contadas fora da ordem



diacrônica, de maneira que o leitor pode iniciar a leitura por qualquer um deles, se assim o desejar.

Partindo desse princípio, o livro *Pedras ao Infinito* é composto por sete capítulos identificados nominalmente e não numerados, justamente para ressaltar o seu caráter não linear e propiciar uma maior liberdade de leitura, sem que houvesse um suposto “caminho das pedras” a ser trilhado. A seguir, fazemos uma breve retrospectiva de cada um deles na ordem em que aparecem, ressaltando os seus elementos fundamentais.

Capítulo “Cantos de saudade”

De maneira não convencional, optamos por abordar logo neste capítulo a morte de Raulino e os seus últimos momentos de vida, inspirados no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Nesta obra célebre, considerada o marco inicial do Realismo brasileiro, Machado adota uma narrativa fragmentária e não linear, na qual o narrador-protagonista, Brás Cubas, assim justifica a escrita de suas memórias:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo (ASSIS, 2005, p. 13).

À semelhança do personagem machadiano, que já no primeiro capítulo traz o “óbito do autor”, decidimos iniciar a escrita do livro *Pedras ao Infinito* de trás para frente, narrando a morte de Raulino através do recurso do *flashback*. Com esse artifício, traçamos uma espécie de retrospectiva dos seus últimos momentos de vida, apresentando-os em ordem decrescente, por assim dizer. Certamente, tal procedimento exigiu especial atenção dos autores, no sentido de combinar a fluidez do estilo literário com a técnica jornalística de reconstrução da realidade.

Nessa parte, descrevemos de maneira leve e poética a rotina do personagem, fornecendo ao leitor informações sutis sobre seus hábitos e personalidade, que seriam trabalhados com maior profundidade nos capítulos seguintes. Os diálogos, em sua maioria curtos, foram encadeados de maneira a transmitir a carga dramática inerente às



situações retratadas. Para a abertura do capítulo, foi selecionado o poema “Perspectiva”, escrito por Raulino e presente na antologia poética *Eu e o Cantar de Minha Gente*, organizada por Oscar Arnaud Sampaio.

Capítulo “Uma vida com poesia”

Como o próprio título sugere, este capítulo aborda a presença da poesia na vida de Raulino, destacando a sua relação com a literatura (metaforicamente chamada de “palavra”) e as suas criações em prosa e verso. A intenção, neste momento, é retratar uma de suas mais conhecidas facetas: a do poeta que percebe beleza até mesmo nas coisas mais banais do cotidiano. Além disso, procuramos não apenas apresentar sua obra poética ao leitor, mas principalmente dialogar com ela no decorrer de todo o livro, demonstrando que poesia e escrita jornalística podem muito bem se entrelaçar. O poema “A palavra”, publicado por Raulino na *Coluna Drummondiana* do jornal *O Farol* em 2 de fevereiro de 1984, está presente na abertura do capítulo.

Capítulo “Por amor e devoção”

A trajetória particular de José Raulino Sampaio, da infância à idade adulta, é reconstituída sob este título. Embora não seja o estilo predominante no livro, nesta passagem a narrativa prossegue de maneira mais linear e apresenta algumas informações enumeradas cronologicamente, pois de algum modo reflete a ideia de caminho percorrido. No texto, o leitor há de notar certo saudosismo nos depoimentos e falas dos personagens, por se tratarem essencialmente de confissões familiares. Extraído do seu livro de poesias *Seixos Rolados*, o poema “Velho Panorama” abre o capítulo.

Capítulo “Petrolinense por convicção”

A relação de José Raulino Sampaio com a cidade que o acolheu no ano de 1923 e onde ele viveu até os últimos dias de vida é abordada com maior riqueza de detalhes neste capítulo. Baiano nascido em Barreiras, Raulino proclamou Petrolina como a sua “pátria de adoção”, testemunhando acontecimentos históricos que marcariam a memória da população local, como a construção da Catedral de Petrolina e a implantação dos projetos de irrigação. Como prelúdio a este capítulo, selecionamos o poema “Petrolina”,



também presente no livro *Seixos Rolados*.

Capítulo “Confabulações drummonianas”

Conforme já citamos anteriormente, a fundação do *Clube Drummoniano de Poesia de Petrolina* foi um acontecimento bastante significativo para a história cultural da cidade. Idealizado inicialmente por José Olivá Apolinário, grande admirador de Carlos Drummond de Andrade, o movimento literário contou com a participação ativa de Raulino desde a sua criação até o seu encerramento. Evidentemente, esse episódio não poderia ser excluído do livro que pretendíamos escrever. Logo no início, quando nos propusemos a pesquisar sobre o *Clube Drummoniano de Poesia de Petrolina*, havia o desejo de resgatar uma história que parecia esquecida pela memória dos petrolinenses. E à medida que nos aproximávamos dessa história, mais a figura de José Raulino Sampaio despertava a nossa atenção. Foi a partir dessa confluência de interesses que decidimos reservar um capítulo especial para o Clube, já que este foi um projeto abraçado por Raulino desde o princípio. Para compor a abertura, escolhemos o poema “Uma voz dizia...”, dedicado por ele a Carlos Drummond de Andrade e retirado da sua obra *Seixos Rolados*.

Capítulo “Palavra amiga”

Os depoimentos saudosos feitos pelos amigos de Raulino foram a matéria-prima para a escrita deste capítulo. Já durante as entrevistas, percebemos a importância desses relatos para enriquecer o livro com diferentes impressões sobre o perfilado. Nesse sentido, cada entrevistado contribuiu à sua maneira, revelando aspectos bastante interessantes da personalidade retratada. Diferentemente dos demais, que sempre trazem no início um poema do próprio Raulino, este capítulo teve uma contribuição especial do poeta e amigo Carlos Laerte Agra de Sá, que gentilmente nos cedeu o seu poema “Raios lindos” para ser incluído no livro.

Capítulo “Lição de coisas”

Neste capítulo, os autores praticamente saem de cena para que o protagonista possa assumir a tarefa de dar continuidade ao livro. Após uma rápida introdução nossa,



Raulino é convidado a se manifestar sobre assuntos que ocuparam lugar de destaque na sua obra. Temas como “o homem”, “gratidão” e “arrependimento” preenchem as páginas finais do livro com reflexões poéticas e existencialistas, à semelhança de um “divã de analista”. A proposta era oferecer um retrato intimista do personagem e aproximá-lo ainda mais do leitor. Para a abertura, foi selecionado o poema “Tornada de passos”, extraído do livro *Seixos Rolados*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo contemporâneo tem, aos poucos, enveredado pelos caminhos da literatura na tentativa de se tornar mais atraente, mais expressivo. A utilização de uma linguagem mais elaborada e expansiva revela o interesse do público por um jornalismo de aprofundamento.

Por conseguinte, o livro-reportagem representa uma oportunidade de apresentar um trabalho jornalístico abrangente e de recuperação da memória. A liberdade de escrita proporcionada por ele oferece ao narrador melhor desempenho, que se manifesta em dois sentidos: no plano horizontal, relaciona-se à própria extensão do relato; no plano vertical, corresponde a uma maior riqueza de detalhes. Conjugados, esses elementos assumem a forma de um “T”: linhas que se unem no ponto de encontro das duas tendências.

Não por acaso, escolhemos esse gênero para externar o nosso desejo de ir além dos limites da produção jornalística diária. Deixando para trás os manuais de redação e recusando as amarras de uma pretensa objetividade jornalística, fomos ao encontro de um personagem que nos encantou pelo seu jeito de ser e perceber o mundo. Um homem que, infelizmente, não tivemos o prazer de conhecer em vida, mas que permanece através da sua obra legada à Petrolina.

Ao seguir os caminhos aqui descritos, que resultaram no livro-reportagem perfil *Pedras ao Infinito*, procuramos destacar as contribuições dele no campo literário e cultural da cidade. Como jornalista, poeta e cofundador do *Clube Drummoniano de Poesia de Petrolina*, Raulino nos inspirou não apenas a contar sua história, mas principalmente a buscar novas possibilidades de expressão. Isso sem falar nas pesquisas/ações futuras que esse trabalho espera desencadear.

Pedras ao Infinito é um livro repleto de poesia do início ao fim. Dispersos no texto e sempre presentes na abertura dos capítulos, os poemas de José Raulino Sampaio



e de outros autores promovem uma aproximação constante entre jornalismo e literatura. Desse modo, procuramos atenuar a aparente sisudez do relato jornalístico, recorrendo às possibilidades expressivas da linguagem poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: ABC Editora, 2005.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes; (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o Diálogo Possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/20010/1/Felipe+Pena+de+Oliveira.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2012.

PENA, Felipe. **Teoria da Biografia sem Fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SAMPAIO, José Raulino. **Seixos Rolados**. Petrolina: [s.n.], 1986.

SAMPAIO, Oscar Arnaud (Org.). **Eu e o Cantar de Minha Gente**. São Paulo: Pannartz, 1985.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como Escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.